



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes - 100 anos da participação do Brasil na I GM

ANO 2018

OUTUBRO

Nº 292

EXERCÍCIO DE HISTÓRIA ORAL SOBRE A REVOLUÇÃO DE 1924

Armando Alexandre dos Santos¹

Gostaria de registrar aqui algumas recordações familiares, acerca da Revolução de 1924, utilizando como fonte principal o depoimento oral de meus tios Augusto José Guerra (1901-1980) e sua esposa Rosa Alexandre Guerra (1903-1993), muitas vezes ouvido deles na minha infância. Ambos vivenciaram de modo intenso a Revolução de 1924, porque viviam nos bairros vizinhos do Brás e do Pari, muito próximos da região central da cidade de São Paulo, que durante três semanas esteve dominada pelos revoltosos e foi objeto de violentos bombardeios por parte das tropas legalistas. Meu tio Augusto comerciava com joias e minha tia Rosa, professora de primeiras letras, dirigia uma escolinha no bairro do Pari, em companhia de sua irmã Joanna Alexandre dos Santos Martins (+ 1949). Meus tios residiam a uma distância de cerca de 2 km do Palácio dos Campos Elísios, sede do Governo que foi cercada pelos revoltosos. O Presidente do Estado de São Paulo, Carlos de Campos, e vários secretários de seu Governo fugiram por um túnel secreto que dava para uma residência próxima e conseguiram se deslocar, discretamente, para Guaiaúna, estação ferroviária que, na época, se situava nos arredores de São Paulo, e hoje se situa na região Leste do município, a cerca de 7 km do centro da cidade..

De Guaiaúna o governo dirigiu a resistência contra o movimento revolucionário, que era chefiado pelo General Isidoro Dias Lopes e do qual participaram, entre outros, os jovens tenentes Juarez Távora, Miguel Costa e Eduardo Gomes. Os revoltosos dominaram a região central da cidade desde o dia 5 até o dia 28 de julho, mas, devido à falta de apoio que esperavam de outras regiões do País, desistiram de prosseguir a luta na capital e se retiraram para o interior do Estado com suas tropas, dando início à longa marcha que ficou conhecida como a Coluna Prestes. Certos bairros como Brás, Mooca, Belenzinho, Cambuci e Perdizes foram muito atingidos durante essas três semanas.

Os episódios da Revolução foram dramáticos para minha família, que residia próxima ao “olho-do-furacão”. Minha mãe, Layr Alexandre dos Santos (1922-2003), era menina de colo, tinha apenas dois anos quando eclodiu a revolta. As fábricas do complexo industrial Matarazzo, situadas perto de nossa casa, foram saqueadas por populares, assim como numerosas casas de comércio também situadas nas proximidades. Meus tios contavam que, logo no início do conflito, passaram pela frente de nossa casa alguns populares que haviam saqueado uma importadora de bebidas e estavam arrastando um barril de

¹ Licenciado em História e em Filosofia; pós graduado em Docência do Ensino Superior e em História Militar; professor da UNISUL, no curso de pós-graduação em História Militar; membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Portuguesa da História.

vinho, que haviam roubado e tentavam levar para suas casas. Cansados pelo esforço, desistiram de continuar arrastando o produto do seu roubo e pediram ao meu avô que guardasse o barril para eles, no porão de nossa casa, e eles depois retornariam para levá-lo. Naquele contexto de violência, meu avô achou melhor não recusar e guardou o barril. Nunca mais reapareceram os ladrões. Meu avô não tinha como saber quem era o legítimo proprietário, para fazer a devolução regular, e não quis dar parte na Polícia, com medo de ser acusado de ser ele o saqueador e acabar pagando crime alheio... Terminada a revolução, houve alguma repressão e o barril continuou escondido, na minha casa, por longo tempo, sem que meu avô se decidisse a tomar alguma atitude. Até que por fim, depois de muitas hesitações e explicáveis escrúpulos de consciência, resolveram abri-lo e saboreá-lo, antes que se estragasse. Não havia outra solução... Era um excelente vinho tinto português. Durante meses, regou generosamente os almoços domingueiros da família Alexandre...

Não justifico o roubo, obviamente, apenas o registro como pequeno episódio colateral, conservado nas memórias de uma família modesta, à margem de um acontecimento que, na época, teve grande alcance nacional.

Minha família estava decidida a permanecer em casa, apesar dos tiroteios e dos bombardeios, porque se julgava protegida pelas grossas paredes da residência, que havia sido construída pessoalmente pelo meu bisavô Antonio Francisco de Andrade (+ 1921), tendo como auxiliar de construção minha bisavó Joanna Júlia de França (+ 1928). Era uma casa simples e muito sólida, na qual residi até os meus 18 anos de idade. Mas, certo dia, explodiu uma granada bem perto dessa casa. Um fragmento caiu no nosso quintal, junto à porta da cozinha. Esse fragmento foi conservado durante décadas, na cristaleira da sala, e quando menino muitas vezes brinquei com aquela relíquia de outros tempos.

Minha família compreendeu, então, que não havia segurança, e resolveu procurar local mais garantido. Os parentes eram muito numerosos. Meu avô Antonio José Alexandre (1869-1935) e minha avó Maria Julia de França Andrade Alexandre (1880-1970) geraram 19 filhos, sendo minha mãe a 18ª.

A família, então, refugiou-se numa propriedade rural nas imediações de São Paulo, onde hoje se situam os bairros de Jaçanã e do Tucuruvi. Era uma região montanhosa, cheia de chácaras e sítios, e ali conseguiram encontrar um proprietário que lhes alugou uma casa de campo, para se abrigarem pelo tempo que fosse necessário. A retirada do Brás, no meio do tiroteio, foi dramática, segundo contava minha tia Rosa. Ela era recém-casada e ia montada no lombo de um burrico, levando no colo dois irmãozinhos pequenos: minha mãe, que tinha dois anos, e meu tio Sylvio (1924-2000), então recém-nascido. Era o 19º. e último filho do casal.

Na mesma “caravana” também foi, menina de 4 anos de idade, minha tia Wanda Alexandre Garcia, nascida em 1920. É a única sobrevivente dos 19 irmãos. Acaba de completar 98 anos.

Todos esses acontecimentos eram contados com emoção e realismo a nós, nascidos muito depois. Eles entretiveram nossa infância, num tempo em que se conversava muito e se ouvia com atenção os relatos dos mais velhos.

Algumas semanas depois, puderam os meus retornar a casa. A residência estava, felizmente, fechada, inteiramente conservada, sem marcas de tiros nem sinais de saque. Muitas casas próximas da nossa não tiveram a mesma sorte.

Curiosamente, uma revolução que abalou tanto a população paulistana, não recebe, na historiografia geral do Brasil, grande destaque. Há mesmo que a chame de “a Revolução esquecida”. Já tenho visto listagens de movimentos insurrecionais ocorridos na Primeira República, que relacionam dezenas de greves sem maior importância, mas omitem completamente a intentona de Isidoro.

Ainda a propósito da revolução de 1924, gostaria de registrar que o Brasil estava sendo visitado, na ocasião, pelo jovem Príncipe do Piemonte, o herdeiro da coroa da Itália. Era uma viagem promovida pelo governo fascista de Benito Mussolini, com evidentes intuítos propagandísticos, às colônias italianas da Argentina e do Brasil. O Príncipe, que depois se revelou muito crítico do fascismo e se afastou da política pró-Mussolini de seu pai, não pôde vir, como pretendia, a São Paulo, o maior foco de concentração dos imigrantes italianos, justamente porque na cidade estava ocorrendo a revolução de Isidoro Dias Lopes. O governo Federal também preferiu não acolher o visitante no Rio de Janeiro, porque julgou que, naquelas circunstâncias, não haveria segurança suficiente, mas pediu ao Governo da Bahia

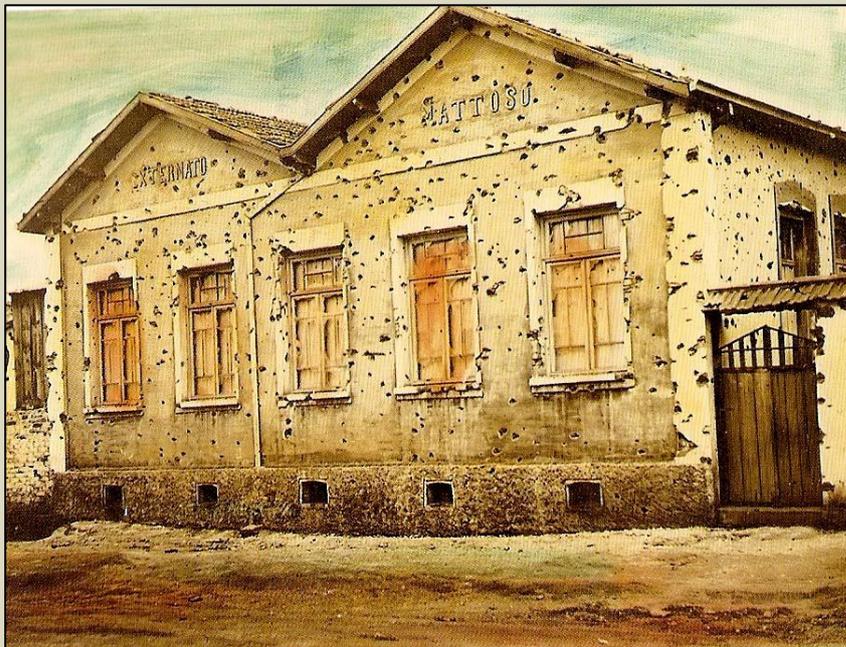
que fizesse as honras da casa. De fato, o visitante foi recebido com sua comitiva pelo Governo baiano, em representação do Governo Federal, com toda a pompa e circunstância. Ver, a esse respeito, *A visita de Humberto de Saboia, Príncipe do Piemonte, à Bahia, em 1924*, artigo do Prof. Dr. Edivaldo Machado Boaventura, publicado na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” (n. 466, pp. 11-272, jan./mar. 2015). Na época, a visita do príncipe italiano se revestiu de grande importância política e diplomática e marcou profundamente a sociedade baiana. Foi esse um reflexo simpático e brilhante da dramática e distante revolução paulista.

* * *

Comentário final: preferi, por uma questão de opção metodológica, limitar-me estritamente, na redação deste artigo, à memória oral, conservada em minha família. Não quis consultar bibliografia sobre o movimento de 1924, que deixou, no final, um saldo de aproximadamente 500 mortos, sem falar em feridos e desabrigados.

Apenas para constar, porém, registro que há muitas referências à revolta de 1924 em obras memorialísticas, como por exemplo na de Juarez Távora (*Uma vida e muitas lutas – Memórias*, em dois volumes – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1974 e 1977), nas de Aureliano Leite (*Dias de pavor – Pessoas e Cenas da Revolução de 1924*. São Paulo: Editora Rochéa, 1925; e *Páginas de uma longa vida*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.), na de José Carlos de Macedo Soares (*A Revolta Militar em São Paulo*. Paris: Imprimerie Paul Dupont, 1925) e na de Paulo Alfeu Junqueira Duarte (*Agora nós! Chronica da Revolução Paulista*. São Paulo: Editora S. Paulo, 1927). Estudo acadêmico mais completo sobre o movimento de 1924, somente conheço um, de autoria da Profa. Anna Maria Martínez Corrêa (*A Revolução de 1924 em São Paulo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1976).

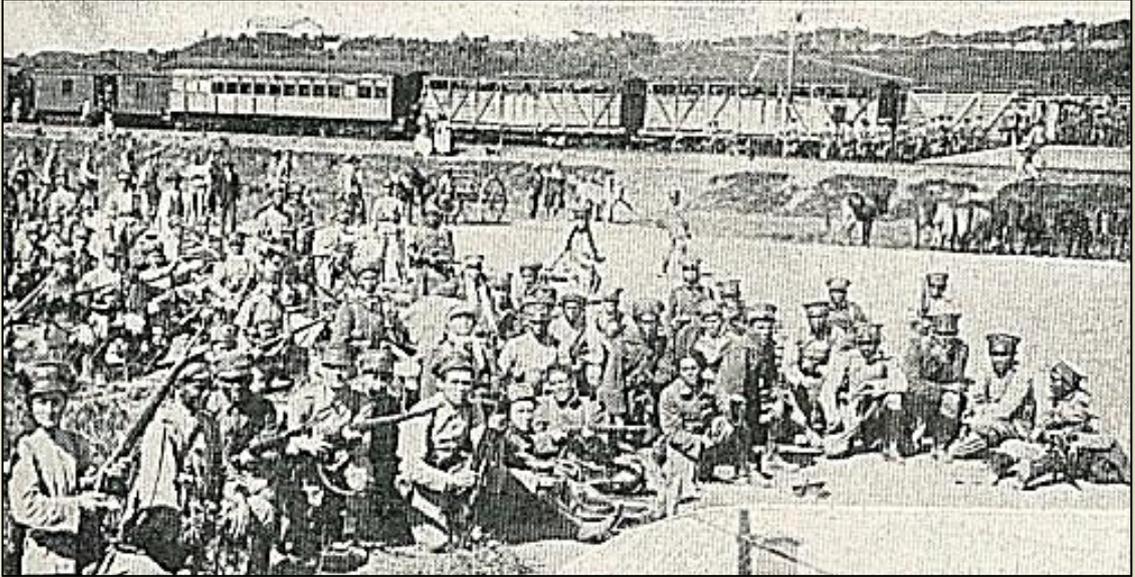
Como material de pesquisa complementar, ilustrativo deste depoimento baseado em tradição familiar, são a seguir reproduzidas algumas imagens da Revolução de 1924.²



O Externato Mattoso se situava a poucas quadras da casa de minha família. Foi atingido por rajadas de metralhadora pesada, durante o conflito.

² Imagens disponíveis em:

<https://www.google.com.br/search?q=revolu%C3%A7%C3%A3o+de+1924&num=100&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=ix5aVOyQMIrNpyggIgc&ved=0CC8QsAQ&biw=1536&bih=732> – acesso a 5/11/2014.



Este comboio militar de tropas leais ao Governo federal esteve aquartelado junto à estação de Vila Matilde, bem próxima a Guaiaúna, onde o Governo do Estado se refugiou e de onde dirigiu as operações militares contra os revoltosos que dominavam o centro de São Paulo (Foto da Revista da Semana, de 9/8/1924). Na Vila Matilde, que hoje constitui um populoso bairro da Zona Leste da capital paulista, tinha sua fazenda D. Mathilde Melchert de Macedo Soares, sobrinha e esposa do político e diplomata José Carlos de Macedo Soares, que ocupou cargos importantes durante a chamada Era Vargas. Quando a fazenda de D. Mathilde foi loteada, minha família comprou alguns terrenos que mais tarde, devido à expansão urbana, valorizaram-se muito.



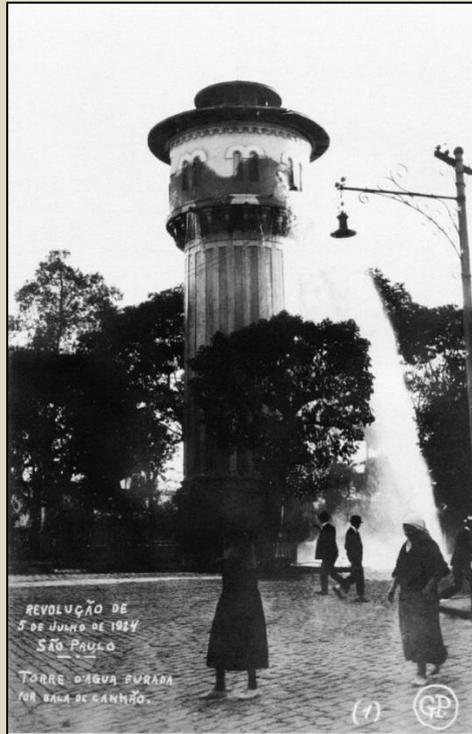
Casa atingida por bala de canhão no Bairro do Belenzinho, vizinho ao Brás e ao Pari, onde moravam os meus parentes.



A Revista da Semana, em número especial de agosto de 1924, reproduziu esta fotografia, para documentar o êxodo da população civil, que fugiu como pôde das regiões bombardeadas. Foi precisamente assim, e também no lombo de burricos, que os meus parentes fugiram para as montanhas de Jaçanã e do Tucuruvi.



Uma das fábricas do grupo Matarazzo, destruída pelo bombardeio. Situava-se a poucas quadras de nossa casa.



Esta curiosa fotografia mostra a “Torre da Água”, do Jardim da Luz, perfurada por uma bala de canhão durante o conflito de 1924, no momento em que despejava seu conteúdo. Era um reservatório para regar os jardins da Luz, a cerca de 300 metros do Palácio dos Campos Elísios. Quando menino, eu brincava todos os sábados de manhã nesse parque, que era (e ainda é) muito bonito, sendo conhecido como “o Bois de Boulogne de São Paulo”.



AS DUAS FACES DO EXÉRCITO

Pedro Augusto Pinho, administrador aposentado

O Marechal Estevão Leitão de Carvalho (1881-1970) escreveu “o general Vespasiano de Albuquerque, terceiro ministro do marechal Hermes, na pasta da Guerra, (era) mais político do que soldado” (Memórias de um soldado legalista, Biblioteca do Exército, Tomo I, 2016).

Leitão de Carvalho pertenceu ao pequeno grupo de militares que estagiaram, por dois anos, antes da I Grande Guerra, no Exército da Alemanha Imperial, e buscou fortalecer o brasileiro, tendo sido fundador e da primeira equipe de redatores de “A Defesa Nacional”.

Entre 1889 e 1930, República Velha, eclodiram numerosos levantes, populares, rurais e militares. No início da República, o Exército Brasileiro, mesmo excluído do poder nacional (pois a Inglaterra mantinha a colonização, desde a substituição, no Brasil Colônia, do poder português), serviu como força repressora na defesa do interesse agrário-exportador.

Nos anos 1920 conheceremos o Exército revoltado, buscando seu poder com a instrução e a industrialização. É ainda Leitão de Carvalho que se insurge contra o “exemplo do Chile” de “limitar os armamentos”, (pois) não levava em conta a segurança dos Estados, (seria) o fim de sua existência” (V Conferência Pan-americana, 1923).

Parece verdadeiramente premonitória do que ocorre atualmente, com a ideologia neoliberal, destruindo Estados Nacionais, propugnando pelos Estados Mínimos.

Permitam-me breve reflexão. O Exército de Leitão de Carvalho sabia que a industrialização era fundamental para a soberania nacional. Associava também a industrialização ao desenvolvimento educacional. Se o modelo agrário podia se manter com a escravidão, com o analfabetismo, o modelo industrial tinha outra exigência, a do conhecimento, a da pesquisa.

Assim, todos os denominados movimentos tenentistas dos anos 1920 - Forte de Copacabana (1922), Revolta Paulista (1924), Comuna de Manaus (1924) e Coluna Prestes (1925 a 1927) - propugnavam pela mudança do poder colonial pelo poder nacional.

As forças antinacionais, oposição ao empoderamento militar, haviam composto o pacto oligárquico, em 1913, juntando os partidos republicanos paulista (PRP) e mineiro (PRM). Ao subirem ao poder, com a oligarquia gaúcha, em 1930, os militares sepultam o modelo de Campo Sales, a Política dos Governadores.

Mas o partido de Joaquim Silvério dos Reis, como o grande jornalista Barbosa Lima Sobrinho designava os entreguistas, os inimigos do Brasil Soberano, se uniram na revolta paulista de 1932, com pretexto legalista.

E deste participaram alguns tenentistas.

Nem sempre foi claro para muitos comandos militares a direção para implantar os interesses nacionais. Após ser acusado de partidário do retrógrado movimento de 1932, Leitão de Carvalho defendeu o monopólio estatal do petróleo. Transcrevo do estudo de Jorge Miguel Mayer, para o CPDPC/FGV:

"Teve ativa participação na política nacional do petróleo entre 1948 e 1951. Juntamente com outros militares, como os generais José Pessoa e Júlio Caetano Horta Barbosa, e políticos, como Artur Bernardes, fundou o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CEDPEN), tendo sido presidente de honra da entidade de 1948 a 1950. O centro reunia militares, homens públicos, intelectuais e estudantes, exercendo importante papel na mobilização da opinião pública em torno da questão do petróleo.

Durante os debates sobre o anteprojeto do Estatuto do Petróleo, apresentado pelo governo do presidente Eurico Dutra, Leitão de Carvalho assumiu uma posição de defesa do monopólio estatal do produto, criticando o anteprojeto por possibilitar a participação do capital estrangeiro na exploração petrolífera".

Numa rápida passagem pelas ações dos comandos militares, vamos encontrar, em diversos momentos, a submissão ao projeto da cúpula do poder estadunidense.

Antes mesmo do término da II Grande Guerra, as famílias que detinham o poder nos Estados Unidos da América (EUA), como por exemplo Vanderbilt, David e John Rockefeller Jr., Madison e poucas mais, programaram a doutrinação - com Hollywood, Reader's Digest e pela televisão - e a divulgação do modelo industrial e o modo de vida (american way of life) estadunidenses. Lembrando que, nos anos 1928, preto e branco, e colorida, em 1954, a televisão passa a ser um grande instrumento usada também na criminalização da ideologia marxista-leninista, o comunismo.

A comunicação de massa, no modelo construído nos EUA e no Brasil, não permite a reflexão, a compreensão, e muito menos o debate. É um modelo totalitário e excludente, como determinadas religiões e todos poderes fascistas. A televisão, comercial como a conhecemos, é igualmente imbecilizante pois não exige leitura nem diálogo; é a pregação audiovisual permanente e sem contestação.

Os militares, na quase totalidade, saíram das classes médias e privilegiadas. Ter televisão, no Brasil de 1950/1959, então com cinco canais, era um objetivo de classe média, principal vítima de sua doutrinação.

Nova e breve reflexão. Um projeto de poder, que não atenda à soberania nem ao povo de qualquer nação, precisa ficar oculto, disfarçado em generalidades e apresentar um inimigo, idealizado, vestido de demônio, para conseguir galvanizar a população. Os EUA elegeram o comunismo, para quem jamais lera Marx nem saberia as diferenças entre as correntes socialistas, no século XX. Também falsearam a corrupção como ação de Estado, jamais reconhecendo que as fraudes fiscais, a sonegação, a escravidão eram atitudes privadas. Corrupção e comunismo passaram a ser os instrumentos para levar ao poder, no Brasil, os interesses econômicos, culturais e geoestratégicos estrangeiros.

Em 1941, o general Severino Sombra (1907-2000), então capitão do Exército, publica tardiamente, para a Comemoração do Cinquentenário da República, "As duas linhas de nossa evolução política" (Zelio Valverde Editor, Rio).

O capitão Sombra não era um iniciante nas letras nem na política. Autor da "História Monetária do Brasil Colonial" (1938), de "A fundação da sociologia" (1940), entre outras obras, foi o criador da Legião Cearense do Trabalho, considerado o primeiro movimento fascista no Brasil, em 1931, base do integralismo (Emília Carnevali da Silva, "Severino Sombra - O Homem no Espelho - A Legião Cearense do Trabalho (movimento que forneceu a base do Integralismo)", XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005).

As duas vertentes de Sombra para nossa história política eram o liberalismo e a nacionalidade. Causa-nos certa emoção ler um trabalho, editado há 77 anos, que coloca em suas páginas a principal questão do Brasil em 2018.

Mas fazia todo sentido para o estudioso da economia do Império e da Colônia.

O poder mundial dominante, do Congresso de Viena (1815) até a II Grande Guerra, foi o financismo inglês.

Gustavo Barroso (1988-1959), historiador cearense, conterrâneo de Sombra, deu a um de seus livros o título "Brasil - Colônia de Banqueiros", referindo-se à dominação inglesa de nossos governos. O General Sombra viu que os ideais nacionalistas seriam a principal força para combater o financismo estrangeiro. Hoje, sob o manto ideológico do neoliberalismo, é a mesma força - o sistema financeiro - que ameaça nossa Pátria.

Nestes anos que vão da Era Vargas ao golpe de 2016, o Exército assumiu diferentes atitudes, umas francamente entreguistas (sic) e golpistas, outras nacionalistas.

Em rápida recordação vemos nas deposições de Vargas, em 1945 e em 1954, o Exército auxiliando o combate à industrialização brasileira, por brasileiros.

Outra atitude teve o Marechal Henrique Teixeira Lott, no célebre contragolpe de 11 de novembro de 1955, garantindo a eleição e a posse de Juscelino Kubitschek e de João Goulart. No período JK-Jango o Brasil conheceu novo surto de desenvolvimento e industrialização.

Tem-se, em 1960, um golpe eleitoral. Jânio Quadros, corrupto e midiático personagem, encanta a classe média com a campanha contra a corrupção. Sim, meus caros, é de certo modo monótona a sempre presente campanha contra o comunismo e a corrupção, hoje caricaturizada pelo Cabo Daciolo, com a União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL). Veja que com todo recurso dos ricos países europeus, a União Europeia patina e dela sai o Reino Unido (Brexit). Mas para o Cabo, a Ursal é uma realidade.

Jango sofre o golpe da Agência Central de Inteligência (CIA) estadunidense, em 1964. Dele participam militares influenciados pelas próprias ações da CIA; veja-se a propósito "Todos os homens do Xá", de Stephen Kinzer (Bertrand Brasil, 2004), minucioso relato do golpe que depôs Mohamed Mossadegh, e a semelhança com a quebra de hierarquia e outras ações promovidas aqui, em 1964, por este agente de desordens e golpes pelo mundo, a CIA.

Mas este golpe sofre um contragolpe da corrente nacionalista do Exército. E temos um novo período de industrialização e um projeto estratégico de independência tecnológica, empreendido pelo General Ernesto Geisel.

O Governo Geisel - 1974-1979 - coincide com a vitória do capitalismo financeiro sobre o capitalismo e socialismo industriais, no mundo ocidental. E será Geisel a sofrer o primeiro golpe, no Brasil, aplicado pelo sistema financeiro internacional, que denomino banca.

A banca passa a dirigir o Governo Figueiredo e todos demais até 2003. É por isso que a imensa corrupção de José Sarney, Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso não leva à prisão qualquer político ou empresário, nem se insufla, com dinheiro é óbvio, manifestações de rua e pannels, à moda chilena pró-Pinochet.

Com o golpe de 2016, quando o Exército manteve-se discretamente no apoio, instalou-se, com fúria antinacional, o governo Temer.

E vendo a entrega de bens naturais insubstituíveis, que não podem ser repostos, como o petróleo, o nióbio, terras raras e outros minérios, e bens construídos com os investimentos e a competência brasileira, como a Embraer, a base de lançamento de foguetes em Alcântara (Maranhão), a tecnologia de ponta em produção marítima de petróleo, o Exército prefere se manifestar politicamente para impedir o ex-Presidente Lula de sair da prisão, de ser candidato à Presidência.

Temos uma candidatura assumidamente militar, que promete transformar o Brasil em um quartel, com escolas militares e uma parte escolhida da população armada. É encabeçada por um Capitão, precocemente aposentado, que tem por vice um General da Reserva Remunerada.

No momento em que o Brasil se esvai com o domínio da banca, esta chapa assinala, como grande feito, ter um banqueiro para Ministro da Fazenda e, talvez de outras áreas, que promete "privatizar tudo no Brasil em quatro ou cinco anos", sendo o mandato de quatro anos.

Encerro estas apreensões nacionalistas com a frase do Tenente-Coronel Derougemont, Diretor de Estudos da Escola de Estado Maior, no número de julho de 1922 (Centenário da Independência) da revista "A Defesa Nacional":

"O Exército pode desempenhar em tempo de paz um papel fecundo. Conservando-se afastado das lutas políticas, trabalhando a fim de aperfeiçoar sua instrução. O Exército não é um partido, nem mesmo de um regime, mas o Exército da Pátria, a armadura sólida da Nação".

Nota: O "O Tuiuti" não necessariamente compartilha de todas as opiniões independentes do Sr. Pedro Augusto Pinho.



Editor:

*Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com*

Sites:

*www.ahimtb.org.br e
www.acadhistoria.com.br*

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/